

# Conjunto Nacional, o espelho da cidade

Marilda Mascarenhas

Com um pouco de exagero, se poderia dizer que o centro de Brasília cabe em 120 mil metros quadrados. E nesse espaço, plantado a poucos quilômetros do centro de decisões do País, que a cidade se encontra, se diverte, se mistura, se distrai e, mais que isso, consome. Quase como no sonho do urbanista Lúcio Costa, que imaginou uma cidade sem pessoas nas ruas, mas dividindo o mesmo espaço de lazer, de compras e de encontros.

O Conjunto Nacional não se transformou exatamente nisso, mas hoje, conquistado já um certo status de instituição, não é exagero dizer que ele é a esquina ou a praça que a cidade não tem ou ainda que conseguiu pelo menos ser um espaço democrático, não no que se refere a relações interpessoais ou de consumo mas, no mínimo, de convivência.

## Gravatas

Por entre as luzes de neon e as vitrines atraentes do shopping, passeiam desde o pequeno comerciante Mariano de Lima, 56 anos, que veio do interior do Maranhão a negócios, a um alto funcionário do Fundo Monetário Internacional, que não gostou muito das contas do País, mas se encantou com as gravatas de uma loja de moda masculina. Os dois, anonimamente, podem até ter cruzado pelos corredores, mas o que ficou mesmo para o pequeno comerciante foi a impressão de muito movimento de pessoas passando apressadas, entrando e saindo das lojas. Muito diferente do que está acostumado a assistir de detrás do balcão de sua humilde loja na cidade de Imperatriz.

Mais do que homens de pouco ou muitos negócios, o Conjunto Nacional abre suas portas todas as manhãs para milhares de consumidores que deixam todos os meses nos caixas das 240 lojas do shopping quase vinte milhões de dólares: 17 milhões em maio, um mês nem tão atrativo para as vendas. Essa cifra não inclui os negócios feitos do 3º ao 6º andares do prédio, onde estão os mais de 400 escritórios de empresas e consultórios.

Mas já é algo inimaginável para o porteiro José de Arimatéia, 29 anos, que todo final de mês vê o seu salário mínimo passar por suas mãos como um vendaval. José chegou a ser cliente de uma loja do Conjunto, onde de vez em quando comprava uma ou outra peça de roupa para ele, a mulher e os dois filhos. Descobriu, há poucos dias, quando precisou de um sapato e de uma camisa novos, que tinha que fazer a opção: ou as roupas ou a comida.

## Utopia

É por esse e outros exemplos que o dentista Ricardo Telles, que adquiriu duas salas no 3º andar, onde ele e seu irmão Saulo dividem um consultório, observa que a democratização do consumo é uma utopia no Conjunto Nacional. Mas



Fotos: Antonio Cunha

Com seus bares e suas vitrines, o CNB atrai milhares de pessoas diariamente. Mas muita gente vai lá apenas a passeio

que isso, o espaço democrático exige que, no mínimo, a pessoa se apresente com a imagem, por mais humilde que seja, de consumidor. "Um mendigo ou um matrapilho não passa da calçada do shopping", compara. E a aparente democratização do espaço também esbarra em outro campo de valores.

No caso, por exemplo, de um travesti que foi expulso do shopping e resolveu tornar pública o que considera uma discriminação. O gerente de marketing do conjunto, Carlos da Silva Carvalho, defende a atitude dos seguradoras que é pautada na orientação da própria administração. O argumento: o shopping não tem nada contra os homossexuais, mas precisa preservar a moral do ambiente por onde circulam pessoas de diferentes níveis ideológicos, culturais, econômicos e até religiosos.

## Brotos

As adolescentes Priscila Freire, Teresa Cristina e Débora Siqueira, todas na faixa dos 15 anos, gostam de um sorvete no final da tarde e de algumas lojas mais modernas, mas não apreciam, por exemplo, a mistura de classes sociais. Preferem o ParkShopping, "onde pintam mais brotos". Mas é o ambiente popular do Conjunto Nacional que atrai o estudante de economia da Ufis, Alexandre Bráulio, e o operador de VT Ricardo Alexandre, que de vez em quando se encontram para um chopinho no bar. No meio de uma multidão

de anônimos, os dois as vezes podem disparar um olhar para alguma mulher bonita.

Mesmo entre os quase 5 mil funcionários, considerados a população residente do Conjunto, é raro encontrar alguém que, apesar da contradição entre o sonho e a realidade, não goste de trabalhar lá.

"A gente não pode comprar, mas pelo menos se diverte", diz um dos funcionários da limpeza. Diversão significa, no caso, cruzar todos os dias com milhares de pessoas de diferentes estilos, gostos e classes sociais, enquanto passa o pano no chão.

Como numa pequena cidade, por onde circulam todos os dias mais de 70 mil consumidores potenciais, o Conjunto Nacional vive também no cotidiano suas contradições. Da pequena loja de modas ao lado de outra frequentada por clientes vip que chegam a pagar mais do que o salário de dez empregados do shopping por um elegante terno de linho. Das pessoas que saem com enormes carregamentos de pacotes, enquanto outras apenas sonham em frente às vitrines. E até do contraste na hora do almoço entre os restaurantes e lanchonetes do 2º pavimento e a humildade da cantina de um pavimento acima, onde os funcionários se revezam por turno para receber um prato de comida que, religiosamente, todos os meses tem os seus custos, embora subsidiados descontados em seus parcos salários.